

RESENHA

VERAS, Hermes de Sousa. *O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico*. Belo Horizonte: Letramento, 2021

Moacir Marcos de Souza Filho

Doutorando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Há muito tempo, a antropologia tem caminhado para uma prática colaborativa de produção de conhecimento. Cai a imagem do observador forasteiro, possuidor de uma racionalidade distanciada que permitiria a investigação unidirecional dos elementos que regem determinado grupo, e emergem pressupostos teóricos e metodológicos alinhados a relações horizontais que aproximam sujeito e objeto. Em outras palavras, as melhores práticas etnográficas envolvem engajamento para co-produzir conhecimento, reconhecendo os incontáveis atravessamentos pelos quais passa o antropólogo em sua atividade. Para lembrarmos Linda Tuhiwai Smith (2018), somente em integração com as comunidades descritas é possível se comprometer com o combate ao etnocentrismo.

É esse o compromisso assumido por Hermes de Sousa Veras, explícito já no título de *O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico*, sua dissertação de mestrado defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, na Universidade Federal do Pará, e publicada em formato de livro em 2021. No mesmo ano, a obra chegou a mim, e suas páginas foram lidas e relidas desde então, sempre rendendo a mesma admiração com o refino teórico do autor, que se reconhece aprendiz do sacerdote Álvaro Pizarro nas práticas do Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo, localizado em Ananindeua, Pará, no bairro Floresta Park, “ocupação” às margens de uma rodovia.

A abordagem baseada em observação participante e narrativa biográfica fornece um retrato de Pai Álvaro para além do líder religioso, revelando o homem influenciado

e moldado por entidades, cujas ações e pensamentos atravessam vivências que escapam ao pensamento moderno e suas dicotomias. Como diz Veras, “aquele vindo de uma tradição moderna (...) certamente não escutará os batuques da cidade de Belém e região metropolitana”, pois não há “uma resposta única” (VERAS, 2021, p 80). Não à toa, recorre diversas vezes aos trabalhos de Marcio Goldman e dialoga com Bruno Latour, buscando se afastar metodologicamente dos grandes divisores e dualismos da modernidade — natureza *versus* cultura, nós *versus* eles, ciência *versus* religião — em direção a redes de interconexões culturais, sociais, políticas e religiosas.

Com a história de vida de Pai Álvaro como condutora, o primeiro capítulo dissolve algumas ideias já solidificadas no senso comum quando se pensa em práticas religiosas. O aperfeiçoamento espiritual surge ligado a uma constante busca por conhecimento: Pai Álvaro é ávido leitor de textos religiosos e antropológicos, mediador entre mundos, influenciado, mas não dominado, pelas entidades. Veras explica que o sacerdote costuma se encontrar em um estado de *sombreado*, guiado pelas entidades ao mesmo tempo que as media.

O equilíbrio entre diferentes mundos, tradições e saberes é descrito em termos de *cosmologia antropofágica*, que permeia as interações do terreiro. Pai Álvaro incorpora elementos de diversas práticas e crenças, integrando-os, reinterpretando-os, encontrando na fé o traço comum e modulador entre os mais diferentes credos. Estabelece-se o que Veras define como “intensa troca de cosmovisões, harmônicas e conflituosas” (2021, p. 56). Lembremos que, longe de simples bonomia ecumênica, essa postura tem garantido a sobrevivência das religiões afro-brasileiras ao longo de séculos de perseguição.

Se a introdução e o primeiro capítulo partem da figura de Pai Álvaro para detalhar a aproximação do antropólogo “estrangeiro” à rotina da comunidade, o segundo capítulo se volta para as dimensões geográfica, social e espiritual do terreiro. Ainda seguindo o esforço de ultrapassar dicotomias — aqui, materialidade *versus* metafísica —, Veras investiga a intersecção entre espaço físico e práticas religiosas, mostrando como a localização periférica do terreiro influencia e é influenciada pela dinâmica espiritual.

Convivendo com duas igrejas católicas, incontáveis templos evangélicos e apenas dois pequenos barracões de matriz africana, é de se esperar que o terreiro enfrente desconfiança da vizinhança majoritariamente cristã. No entanto, Veras se concentra nos desafios decorrentes das privações típicas de regiões periféricas brasileiras,

como ruas que alagam em dias de chuva, o que impacta diretamente a frequência e a realização dos atos religiosos.

Fica marcado como organização física do terreiro é adaptada de forma a refletir a cosmologia agregadora ali praticada, que Veras entenderá a partir da visão de Yoshiaki Furuya dos processos de “amazonização” da Umbanda e “umbandização” das religiões afro-amazônicas. Tanto sacerdotes quanto frequentadores transitam entre diferentes vertentes — Mina Nagô, Umbanda, Kardecismo e Catolicismo Popular. Por isso, a necessária compreensão rizomática do fenômeno, caracterizado pela integração de elementos culturais, rituais e simbólicos de diferentes origens, o que resulta em um todo híbrido, flexível e dinâmico, alheio a convenções. Afinal, o próprio Pai Álvaro ensina que “nem o pai de santo controla totalmente sua dinâmica ritual nem tudo é passado apenas pelas ‘entidades espirituais’” (VERAS, 2021, p. 84).

A compreensão de uma identidade religiosa fluida é útil para o capítulo seguinte, no qual Veras discorre em detalhes sobre as práticas religiosas do terreiro, sintetizando a complexidade dos rituais e a natureza das forças espirituais mobilizadas. Apesar de tratar também da “mesa branca”, voltada para a comunicação com espíritos desencarnados e a busca de conselhos e cura — com forte influência do espiritismo kardecista —, o texto se concentra na “gira”, ritual que envolve a incorporação de entidades espirituais como os orixás e caboclos, descrevendo as estruturas rituais, os cantos, os pontos, as rezas.

É sintomático que o autor tenha nutrido preocupações para abordar os rituais de sacrifício (“corte”), reconhecendo o risco de alimentar preconceitos em relação a um suposto “primitivismo” dessas práticas. Reconhecendo a importância litúrgica e comunitária desses rituais, o texto permite inferir a perseguição que o terreiro provavelmente sofre, uma vez que descreve como o sacrifício é conduzido de maneira reservada para minimizar ocasional atenção negativa. A centralidade do sacrifício nas religiões de matriz africana é enfatizada, assim como as inúmeras influências culturais e históricas que as transformam e matizam. Novamente, fica claro o desafio a diferenciações rígidas entre Umbanda, Candomblé e outras tradições.

Escritor e poeta, Veras dedica um capítulo ao papel de livros, escrita e leitura na cosmologia de Pai Álvaro, lembrando como este iniciou uma relação de empréstimo de livros com o autor. A violenta marginalização sofrida pelos credos afroindígenas encontra espaço quando o sacerdote destaca a oralidade como recurso de

existência: “a recusa da escrita e da proibição de se deitar no papel detalhes sobre seus ‘fundamentos’, para os pajés estava ligada ao medo de ser perseguido ou preso” (VERAS, 2021, p. 132). Contudo, Pai Álvaro confere grande importância à leitura de livros, meio para ampliar a cosmovisão religiosa, aprender novas práticas e até mesmo fortalecer a ligação com as entidades. A leitura — e, conseqüentemente, a escrita — existe, portanto, em convívio com “outras formas de conhecer” (VERAS, 2021, p. 139), uma leitura comunitária e integrada aos rituais e crenças.

Veras conclui o livro endereçando uma bem-vinda reflexão sobre a complexidade de estudar a religião dentro das ciências sociais. Ensiada no quarto capítulo, a preocupação central aparece plenamente delineada nas páginas finais: a relação entre religião e conhecimento científico. O autor deixa mais evidente que seu trabalho etnográfico abrange preocupações metodológicas e abordagens que valorizem a tradução e a mediação. Fica a grande contribuição da busca pelo diálogo epistemológico, representado pela interseção entre o fazer artístico e o pensamento religioso. *O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico* cumpre a perspectiva proposta em seu título, fazendo do antropólogo e de seus leitores aprendizes abertos à influência, aos ensinamentos e à poesia do terreiro vivamente etnografado.

Referências

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*; tradução. Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR 2018.

VERAS, Hermes de Sousa. *O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico*. Belo Horizonte: Letramento, 2021.